



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

Anna Beatriz Esser dos Santos¹

Geoffrey Chaucer e a Inglaterra do Quatrocentos

Geoffrey Chaucer and the XIV century England

Resumo:

The Canterbury Tales de Geoffrey Chaucer foram um marco para a Língua Inglesa, pois têm o objetivo de ser um extrato da vida dessa sociedade do final do século XIV. Analisaremos as questões econômicas, políticas, sociais e religiosas da Inglaterra do período e como essas questões influíram para a construção dos *Contos* por Chaucer. O período em que viveu nosso autor (1340-1400) abrange os reinados de Eduardo III (1327-1377), Ricardo II (1377-1399) e de Henrique IV (1399-1413).

Palavras-Chave:

Idade Média; Inglaterra; Chaucer.

Abstract:

The Canterbury Tales, written by Geoffrey Chaucer, is considered a milestone for the English Language; it has the goal of being an extract of this society's life in the late fourteenth century. We will analyze the economical, political, social and religious matters of England and how they influenced the making of *The Tales* by Chaucer. The period that Chaucer lived covers the reigns of Edward III (1327-1377), Richard II (1377-1399) and Henry IV (1399-1413).

Keywords:

Middle Ages; England; Chaucer.

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/IH/UFRJ).

O objetivo deste artigo é abordar as questões religiosas, sociais, econômicas e políticas da Inglaterra do século XIV e como essas questões influenciaram para a construção dos Contos por Chaucer. Este é um período marcado por grandes mudanças (Maurois, 1975: 112) que são essenciais para que entendamos não somente o contexto de produção da fonte, como também para entendermos a sociedade na qual Chaucer viveu e percebeu os diversos tipos sociais representados em *The Canterbury Tales*.

1. A situação econômica

A economia da Inglaterra teve momentos de declínio e de prosperidade. A partir do reinado de Eduardo II, entre 1315 a 1322, houve um período denominado como “A Grande Fome”, a primeira de uma série de crises em larga escala que atingiram a Europa no início do século XIV. Na primavera de 1315, chuvas acima do normal assolaram a maior parte da Europa e a temperatura se mantinha fria.

Nestas condições, os grãos não germinavam e as colheitas começaram a quebrar (Lucas, 1930: 352). Alimentos cereais e o gado aumentaram o preço, o que levou ao aumento da inflação e à queda do poder aquisitivo de boa parte da população. Os preços na Inglaterra dobraram entre a primavera e o meio do verão (Kershaw, 1973: 7). O pico da fome foi atingido em 1317. Além disso, as pessoas estavam enfraquecidas por doenças como pneumonia e tuberculose e a maioria dos estoques de sementes havia sido consumida. Apenas em 1325 os níveis de alimentos voltaram para condições normais. Miskimin estima que entre 10% e 25% da população de muitas cidades e vilas morreram (Miskimin, 1998: 274). Embora a Peste Negra (1338-1375) tenha atingido mortalmente mais pessoas, a Grande Fome foi mais sentida pela população por anos.

Esta situação foi agravada pelo aumento dos impostos, com a finalidade de uma maior arrecadação para custear as despesas com as guerras – o que, porém, acabou por fortalecer o ciclo vicioso, ou seja, aumento da inflação, dos preços e carência alimentar. Esta situação se mantém por um período de mais de trinta anos (1305- 1338); somente a partir daí começamos a verificar uma queda nos preços dos alimentos e uma melhoria nas condições de vida da população.

A melhora das colheitas e da situação econômica de parte da população inglesa aliou-se ao aumento das relações comerciais. O comércio de lã era a

principal fonte de riquezas da Coroa Inglesa. As primeiras guildas de ofício² estabelecidas na Inglaterra foram as dos tecelões, em Londres e em Oxford, no século XIV. Houve também um grande florescimento econômico, iniciado desde a entrada da Inglaterra na liga hanseática até estabelecimento desta aliança. A liga hanseática dominou consideravelmente o sistema econômico da Europa e influenciou a vida de todas as cidades (Smith, 2010: 16). O intenso comércio por todo o Mar Báltico e pelo interior levou as cidades ao auge econômico.

Contudo, na segunda metade do século XIV, os comerciantes ingleses ameaçaram as áreas onde havia o monopólio no Báltico. Até o final do século, já havia uma colônia inglesa em Danzig (Palais, 1959: 852). A liga, na tentativa de defender este monopólio, ameaça o comércio inglês, resultando na rescisão das concessões e privilégios da liga pelo Parlamento, em 1377. Esta rescisão só foi revogada quando os mercadores ingleses receberam a reciprocidade dos direitos de trocas nos distritos da Hansa, o que ocorreu em 1380 (Palais, 1959: 856).

A Inglaterra também mantinha um comércio de venda de lã e milho em troca do vinho produzido em Aquitânia. A união dos dois reinos permitiria o incremento deste comércio – já que a venda da lã era a principal fonte de renda – além de afastar qualquer interferência do reino vizinho que pudesse acarretar prejuízo a Inglaterra. Esse comércio vinha sofrendo interferência do rei francês, que queria fortalecer sua posição perante os nobres que lhe deviam obediência enquanto seus vassallos, mas que não reconheciam sua autoridade. Entre estes se encontravam o soberano inglês, como o Duque da Aquitânia, e o Duque da Borgonha. A Borgonha era também de enorme importância dentro do mapa das rotas de comércio da lã inglesa, principalmente através da província de Flandres.

O rei francês havia se apoderado da Gasconha, de modo a desestabilizar o comércio inglês. Tentou fazer com que o Duque da Borgonha aceitasse sua autoridade. A saída encontrada pela Inglaterra para que isso não acontecesse foi a ameaça de levar a Borgonha ao colapso econômico, paralisando suas exportações de lã para a província de Flandres. Essa ameaça levou o Duque da Borgonha a estabelecer uma aliança com Eduardo II contra os franceses. Podemos perceber assim que não foi difícil e mais tarde, Eduardo III conseguir que os grandes comerciantes arcassem com os gastos de uma guerra

² As guildas eram irmandades de artesãos especializados num ofício particular, que administravam todas as operações relacionadas a ele, fixando preços e salários. Elas controlavam também as oficinas nas quais os jovens artesãos aprendiam sua arte (Maurois, 1975: 53).

contra a França, já que estes não queriam perder seus negócios com Flandres. Já os senhores de terras e cavaleiros viam na guerra uma forma lucrativa de aumentarem o seu poder político, social e econômico.

2. A política Inglesa

A Guerra, que serviu para a construção da autonomia da Inglaterra, além de se caracterizar por uma série de batalhas contra a França em uma disputa que debatia questões específicas, como as reivindicações entre as dinastias Plantageneta e Capetíngia, tinha como objetivo a quebra com “os vínculos feudais entre si: o rei da Inglaterra era vassalo francês” (Franco Jr., 1995: 105), onde a necessidade de se manifestar as pretensões ao trono em 1337 foi a forma que a nobreza inglesa encontrou para “restabelecer seu poder e controlar o próprio” (Franco Jr., 1995: 106) reino. Esta área pertencia ao reino inglês desde o período da invasão normanda no século XI.

Essa possessão foi bastante ampliada no século XII, com a ascensão ao trono inglês de Henrique Plantageneta, cujo território abrangia, na época, grande parte do espaço francês. Porém, os descendentes de Henrique não conseguiram assegurar suas possessões francesas – estas foram reconquistadas por Filipe Augusto, e o reino inglês só conseguiu manter a região da Aquitânia (Boitan e Mann, 1986: 55). As pretensões inglesas voltam no momento em que o trono francês fica vacante de herdeiros masculinos. Eduardo III entra na disputa pelo trono porque era neto por linhagem feminina do rei da França, Felipe, o Belo.

No final da idade média uma série de arranjos matrimoniais encomendados, de cunho político e sem nenhuma conotação afetiva, produziram, na Europa, a unificação de uma série de reinos, compondo naquele período e naquele continente o que ele classificou como "o tempo dos reinos unidos" (Guenée, 1981: 96). Foram muitos desses reinos unidos o início do que depois se tornaria estados nacionais e o desenvolvimento de uma noção de "sentimento do povo" quando, na França, Eduardo III filho de Filipe o belo, foi impedido de assumir o trono daquele país, apesar de ter em seu favor uma série de argumentos jurídicos que lhe davam respaldo, pelo fato de ser um estrangeiro e isso se chocar frontalmente com os "sentimentos" do povo francês. (Guenée, 1981: 98).

Contudo, esta situação já havia sido contornada ao ser designado Felipe de Valois, sobrinho do rei, como sucessor ao trono. Eduardo não aceita esta

designação e declara guerra para garantir os seus direitos e tornar-se rei de França também (Boitan e Mann, 1986: 58).

Paralelamente, o rei inglês procura apoio em outros reinos para a sua pretensão, como nos afirma Miskimin, apontando que “Eduardo III fizera uma aliança com o rei de Castela no propósito de obrigar a Flandres a juntar-se-lhe na guerra contra a França” (Miskimin, 1998: 298), demonstrando que a disputa entre Inglaterra e França envolvia também as relações comerciais com outras regiões.

Esta foi uma guerra longa e marcada por diversas fases. A primeira compreende o período (Maurois, 1975: 76-95) de 1337-1360, com a vitória inglesa, que terminou com o tratado de Brétigny, que cedia à Inglaterra o controle da faixa costeira do norte e oeste da França; a segunda compreende os anos de 1360-1380, que é marcado pela recuperação francesa com a assinatura do Tratado de Bruges, que restringia a posse inglesa à região de Calais e da Gasconha; a terceira, de 1380-1420, quando a Inglaterra, através do Tratado de Troyes, recebeu grande parte da região francesa e a última fase, de 1420-1453, com recuperação francesa através da derrota inglesa em Orléans e de acordos com os borgonheses, culminando com o fim do conflito.

Verificamos que a primeira fase desta guerra, através das vitórias e riquezas apreendidas, possibilitou ao rei inglês a criação de mecanismos de apoio à manutenção de seu poder, valorizando o protocolo e a hierarquia de títulos, e a agregação à guerra do sentimento de recompensa à honra e ao valor no combate (Wolff, 1988: 44). É dentro desta política que, em 1348, cria A Ordem dos Cavaleiros Jarreteira. Esta reunia em torno do rei os homens mais ricos, o que possibilitava o fortalecimento da política régia e lhe garantia os recursos para dar continuidade à guerra (Gardner, 1977: 41).

3. A organização social

Em 1348, a Peste Negra chega à Europa, caindo sobre as populações que sofriam pela fome e que estavam enfraquecidas (Simoni, 2007: 32). Esta doença se alastrou pela Europa a partir do Mediterrâneo. Estende-se por todo o continente, passando pela Península Itálica e a Península Ibérica primeiramente; vai até as diversas regiões da França, e, em julho do mesmo ano chega à Inglaterra, até chegar, em 1350, nas áreas da Escócia e Escandinávia (Delumeau, 1994: 67).

Com a peste, configurou-se uma nova situação, através da perda demográfica, que viria afetar a toda a sociedade inglesa. A diminuição da mão de obra campesina permitia agora uma maior barganha por parte dos trabalhadores rurais (servos ou homens livres) em relação aos senhores (Le Goff, 1984: 74). Através da menor oferta de trabalhadores, era possível exigir melhores pagamentos por sua jornada de trabalho diária. Tais pagamentos podiam ser feitos na forma de provisões de comida ou roupas, salário ou outras recompensas. Temos, então, um crescente abandono das terras, que levou a um acúmulo dos lotes de terra na mão de um só proprietário, que passou a empregar trabalhadores assalariados. Com esse período de crise, muitos camponeses conseguiram acumular recursos, de forma a se tornarem proprietários de lotes de terra por eles cultivados.

Neste sentido, percebe-se que há uma quebra com a ordem social vigente, através de novas movimentações sociais, que levam o rei a lançar o Decreto dos Trabalhadores, em 1349, para resguardar os senhores do valor pago pelas jornadas de trabalho.

Após o falecimento de Eduardo III, o reino foi ficando cada vez mais instável, o Parlamento tornou-se cada vez mais influente e a divisão entre os lordes e os comuns mais nítida (Le Goff, 2008: 87). Como manifestação legal destas transformações sociais, em 1381, no reinado de Ricardo II, e como resultado da cobrança de um novo imposto universal *per capita*, igual para todos os habitantes do reino, e não proporcional ao nível social pelo Parlamento, eclodiu o que ficou conhecido como a Revolta dos Camponeses, que foi composta por uma série de levantes populares com o objetivo de reivindicar o fim dos vínculos legais de vassalagem (Fryde, 1997: 91). Assim, apesar de a vassalagem não ter tomado fim, acabou perdendo adeptos e progressivamente as guildas começaram a conquistar o controle do governo municipal nas cidades inglesas.

A posição econômica dos segmentos inferiores melhorou após a peste, podendo alguns vilões e homens livres prosperar com a compra e venda de terras, em parcelas pequenas. Tais pedaços de terra eram adquiridos de seus senhores ou de outros vilões. Este processo acabou por resultar em diferenças de riqueza entre os trabalhadores do campo (Duby, 1982: 105).

Tecelões, sapateiros, seladores, ferreiros e aqueles que exerciam ofícios especializados começaram também a ter um maior poder econômico, assim como os donos de seus próprios estabelecimentos, como açougueiros, padeiros e taverneiros, que podiam cobrar mais pelos seus serviços, ao passo que senhores de terras perderam grande parte de seus benefícios, vendo-se

obrigados a aceitar as cobranças por melhores pagamentos e condições de trabalho feitas pelos trabalhadores rurais livres e pelos vilões.

Nos anos seguintes, verifica-se o aparecimento de novos grupos sociais provocado pela maior distribuição de riqueza entre os diversos segmentos, tornando a hierarquia social mais estratificada. Esta quebra com a sociedade tripartida cresce e se tornava cada vez mais diversificada.

Na perspectiva social, verifica-se durante a época de Chaucer uma nova articulação feudal. Já no século XIV, as relações servis foram sendo substituídas gradualmente por terras arrendadas e pagamentos em dinheiro. Também devido à guerra, a monarquia estava se fortalecendo; uma prova de uma maior noção sobre isso, percebe-se nos *Contos* de Chaucer, que se tornou um marco no desenvolvimento da Língua Inglesa.

De maneira geral, no reinado de Eduardo III, este período foi assinalado por uma liderança inglesa que se enfraqueceu nos últimos anos do reinado; assim, acumularam-se dificuldades financeiras trazidas tanto pelos gastos com a guerra como com a mortalidade ocasionada pela Peste Negra.

4. O plano religioso

Além dos fatores político, econômico e social, durante o século XIV, há também a questão religiosa, essencial como pano de fundo às críticas feitas aos membros do clero para os contos analisados.

Na Inglaterra, no plano religioso, o que contribuiu para o questionamento que a sociedade inglesa fazia à Igreja Católica da época a respeito das condutas e das práticas, tem-se como fator inicial de ruptura o evento conhecido como O Grande Cisma do Ocidente, a divisão que ocorreu entre 1378 e 1417, que veio contribuir para a crise por que passava a instituição eclesiástica, principalmente com a tentativa do papa Gregório XI de restituir o papado em Roma e apesar dos esforços da monarquia francesa dos Valois em mantê-lo, a qualquer custo, na cidade de Avignon (Vauchez, 1995: 64).

O papa se estabelecera em Avignon em 1309, com a discordância dos romanos que o queriam de volta, por se tratar de uma Igreja Romana, e também por razões econômicas. Porém, após o restabelecimento do papado em Roma, Gregório XI morre, o que cria o impasse a respeito de sua sucessão (Balard, 1996: 372). Em seguida, Bartolomeu Prignano, arcebispo de Bari, é o

escolhido, adotando o nome de Urbano VI. Este Papa era italiano de nascença (mas não romano) e havia feito carreira em Avignon. Após assumir o posto, Urbano VI modifica sua atitude em relação aos prelados que o haviam elegido. Passa a atacar o luxo deles, o seu gosto pela pompa e o fato de que pouco se afinarem com o ideal evangélico. Tal comportamento abre uma crise entre os cardeais.

A resolução dos prelados ante a posição de Urbano é a de tentar anular sua eleição. Eles procuram nas coleções jurídicas argumentos que justifiquem esta medida, no entanto, nenhum documento estabelece de forma peremptória a ilegalidade desta eleição. Mas apesar da ausência documental, eles a desfazem apoiando-se em detalhes irregulares do processo de eleição e declaram vago o trono papal romano.

Uma segunda eleição estabelece Clemente VII em Avignon. Estava desencadeado o Cisma: a existência simultânea de dois papas, um residindo em Roma, outro na cidade francesa. Houve um período, inclusive, em que existiram três Papas diferentes: Bento XIII, de Avignon; Gregório XII, de Roma e Alexandre V, arcebispo de Milão. Somente com o Concílio de Constança e a eleição de Martinho V conseguiu-se reafirmar uma liderança Papal una. Para as autoridades inglesas em Roma, a “eleição de Urbano era legítima, o que suscitava nos cronistas ingleses um sentimento marcadamente antifrancês” (Selvatici, 2000: 10).

Com esta crise na liderança papal, a população cristã ficava abalada com esta instabilidade, que também estava agravada pela crise da Europa no fim do século XIV. Todo esse clima de descrença em relação à Igreja, que marcou a parte daquele, culminou em críticas de vários setores em relação aos gastos excessivos e à cobiça dos clérigos (Berlioz, 1994: 96).

Aliada à crise de seu papel como representante da Cristandade, a Igreja Católica teve sua posição ameaçada com o desenvolvimento do sentimento nacional nos diversos reinos. Na Inglaterra, a consequência deste processo foi a proibição, em meados do século XIV, da apelação ao tribunal papal nos processos judiciais em curso no país e envio de taxas eclesiásticas para o exterior. A instituição na Inglaterra começava a criar autonomia em relação ao papado.

A Igreja na Inglaterra, assim como no resto das Ilhas Britânicas, em fins do Medievo, passava pelo período “de enraizamento das práticas, valores e das estruturas” (Selvatici, 2000: 12) que haviam se estabelecido nos séculos XII e XIII. Existia já uma *ecclesia* instaurada e assim chamada desde o século XII (Contamine, 1990: 658). O quadro humano da Igreja, no século XIV,

compreendia os bispos e os padres de paróquia, os monges, e também os freis. Estes freis pertenciam às ordens mendicantes que haviam, no século XIII, se inspirado no exemplo dado por São Francisco. Iam de lugarejo em lugarejo, nos quais pregavam e pediam esmola. O dinheiro arrecadado era normalmente destinado aos desvalidos, e não a eles próprios, uma vez que estes freis faziam voto de pobreza.

Como a Peste Negra havia criado uma fenda no tecido social da Cristandade e, a partir disso, abriu espaço para uma série de transformações que viriam a afetar praticamente todas as instâncias da vida social, a Igreja não deixou de sentir os efeitos sociais e morais trazidos pela peste. Selvatici afirma que, na Inglaterra, a Igreja perdeu 55% de seus membros, tendo seu corpo encolhido de dezoito mil para somente oito mil religiosos. A taxa de mortalidade entre o clero paroquial foi de 40%, enquanto entre os bispos, esta foi abaixo de 18% (Selvatici, 2000: 13). Em função de tal situação de calamidade, muitos padres e capelães se recusavam a fazer o serviço religioso sem o pagamento de um salário maior ao que costumavam receber em épocas normais.

Com a situação de abalo provocada pela epidemia no meio religioso, é emitido um mandado do bispo de Rochester, datado de 27 de junho de 1349, dirigido ao arqui-diácono, no qual é ordenado o serviço dos clérigos desta paróquia ante os mesmos salários, como tentativa de manutenção dos serviços clericais. Mesmo com esta ordem, muitos padres, ao verem que o número de seus paroquianos diminuía consideravelmente, desertavam de suas funções (Coulton, 1946: 497).

Na realidade, os padres e freiras que fugiam da proximidade dos doentes o faziam tanto quanto os médicos e notários. Eram, em verdade, homens simples, dotados dos mesmos medos e angústias que afligiam as pessoas comuns. Entretanto, o julgamento da comunidade a seu respeito foi incisivo na medida em que a peste mostrara o clero como um corpo composto de homens e mulheres indignos do ofício sagrado (Coulton, 1946: 500).

Apesar de as autoridades eclesiásticas terem expedido decretos e adotado medidas no sentido de manter algum tipo de liderança espiritual sobre seu rebanho, quando da ausência dos padres, este rebanho já começava a responder à situação de desespero criada pela peste a sua própria maneira – principalmente, por meio do misticismo –, não mais parecendo necessitar de seus mediadores espirituais.

Como tentativa de reafirmar a crença da população no clero, os pregadores adquiriram uma grande importância pela Europa, aliados ao

movimento de peregrinação. Segundo André Vauchez (Vauchez, 1995: 77), locais como Santiago de Compostela, Roma, Montserrat, Jerusalém e o Túmulo de Thomas Becket em Canterbury, que é o mote central dos “Contos da Cantuária”, se tornaram grandes polos de peregrinação.

A peregrinação desenvolveu-se de forma intensa com a prática do deslocamento de pessoas a locais considerados sagrados. Peregrinos de diversas localidades da cristandade faziam essas viagens, que podiam ser para locais longe e de difícil realização devido aos obstáculos físicos dos caminhos que conduziam aos lugares santos, como a ida para Jerusalém ou o caminho para Santiago de Compostela. As dificuldades, no entanto, não impediam esse movimento dos viajantes cristãos, cujo objetivo era o encontro com o sagrado. A jornada final, por ter sido árdua, também engrandecia todo o propósito do cristão.

Normalmente, era após o final de uma peregrinação que os peregrinos podiam dispor dos privilégios sociais. Por este motivo, muitos viajantes faziam questão de expor em suas casas e oficinas os ícones, os certificados e os outros símbolos que comprovavam sua participação em peregrinações. Encontramos também peregrinos motivados pela busca de uma graça ou cura, motivações mais específicas que mobilizavam diversos viajantes (Jesus, 2011: 7). Muitos destes eram peregrinos piedosos ou ainda devotos que rumavam aos locais representativos dos santos, mas, de modo geral, esperavam receber recompensas por seu esforço, fossem elas recompensas materiais ou espirituais. Havia peregrinações em busca de indulgências e também aqueles que peregrinavam como pedintes, contando com a caridade de viajantes mais ricos ou mosteiros que lhes ofereciam abrigo.

5. A vida de Chaucer

Também se mostra importante para essa análise das representações veiculadas na obra escrita por Geoffrey Chaucer (1340-1400) a sua trajetória, desde sua origem social até seu papel dentro da corte Inglesa, para entendermos como esse autor foi um indivíduo que soube discutir e criar sobre a visão da sociedade em que viveu.

O poeta era de uma família de prósperos comerciantes de vinho, residente no bairro londrino de Vintry. Seu pai, John Chaucer, tinha influência na corte de Eduardo III. Chaucer foi pagem dentro da casa de Elizabeth de Burgh, condessa de Ulster e, mais tarde, esposa de Lionel, Duque de Clarence. Assim, acaba recebendo a educação da nobreza e os modos da corte. Numa

sociedade em que a cortesia de gestos representa a distinção social, tal aprendizado adquire grande importância no que diz respeito a ascender socialmente (Miller, 1997: 1).

Acredita-se que Chaucer tenha estudado na Inns of Chancery (escola para trabalho na corte inglesa) e na Inns of Court (escola para a prática da advocacia, em leis não canônicas) (Miller, 1997: 2). Chaucer começa a ascender socialmente ao exercer diversas funções administrativas e diplomáticas dentro da corte inglesa: ele presta serviços não só ao rei Ricardo III, mas a seu filho John de Gaunt, Duque de Lancaster, que se torna seu protetor durante toda a sua vida. Em 1366, casa-se com Philippa Roet, uma das damas da rainha. Em 1367, ele já é um valete na casa de Eduardo III e, em 1368, já tem o posto de escudeiro do Rei.

Em junho de 1374, Eduardo III o indica para o cargo de controle dos direitos alfandegários e subsídios sobre a lã, peles e couro para o porto de Londres, e, em 1382, Ricardo II o fez controlador dos direitos alfandegários de menor porte. Chaucer manteve esses postos até 1385. No mesmo ano, serviu como juiz de paz para o Condado de Kent e, no ano seguinte, tornou-se Cavaleiro do Condado, sendo eleito representante no Parlamento, por Kent. Exercendo esta função, Chaucer ascendia à pequena nobreza. Em 1389, tornou-se escrivão do rei. Assim, recebia também presentes e anuidades pelos serviços prestados à Coroa (Miller, 1997: 1).

Esta carreira administrativa na corte e as diversas viagens que foi levado a fazer fizeram que Chaucer adquirisse conhecimentos diversos, dando para a sua escrita credibilidade, destinada a um público de corte que já se abria a novas pessoas que exerciam funções administrativas, jurídicas ou de ciclos universitários. Se pensarmos na vida de ocupações dentro da corte que Chaucer teve, perceberemos a importância de sua produção artística, além de todo o conhecimento literário pelo qual perpassa sua obra, “uma absorção da literatura clássica e vernacular nas três línguas com as quais ele entrou em contato em suas funções diplomáticas: latim, francês e italiano” (Selvatici, 2008: 183).

As funções diplomáticas de Chaucer o levaram à França e à Itália. Estas últimas em muito contribuíram ao nível de sua produção literária, uma vez que lhe permitiram entrar em contato com os trabalhos de Boccaccio, Petrarca e Dante. Entre 1369 e 1370, Chaucer escreveu *O Livro da Duquesa* em homenagem a Blanche, duquesa de Lancaster e primeira esposa de John de Gaunt, morta em 1368. Este poema escrito de forma narrativa é um típico exemplo da influência francesa sobre a escrita de Chaucer.

Além deste poema e da tradução de *Le Roman de La Rose*, outra obra de peso do poeta que segue o mesmo padrão é *The House of Fame*. Este poema demonstra uma influência da pré-Renascença italiana, já que contém uma paródia aberta da *Divina Comédia*, de Dante. Entre 1380 e 1385, escreveu *The Parliament of Fowls* e *Troilus and Criseyde*, que é considerado por muitos o primeiro romance de literatura inglesa:

“Neste poema Chaucer transformou o estilizado Filostrato de Boccaccio ao analisar profundamente motivos humanos comuns dentro de uma visão Boeciana e fundamentalmente cristã. Somente Shakespeare, mais de dois séculos mais tarde, igualaria a expressão da ‘miséria da condição humana’ de Chaucer [...]” (Miller, 1997: 02)

O conteúdo de *Troilus e Criseyde* parece ter causado certo mal-estar dentro da corte em relação a uma possível implicação de que as mulheres seriam mais infieis no amor do que os homens. A rainha Anne da Boêmia, esposa de Ricardo II, teria se sentido ofendida e, por consequência disso, Chaucer teria sido obrigado a se retratar perante os reis. Assim, em 1386, ele redige *The Legend of the Saints of Cupid*, também conhecido como *The Legend of Good Women*, uma série de vidas de santas, como retratação.

No final de 1386, Chaucer é afastado de seus cargos administrativos em consequência do afastamento de John de Gaunt da Inglaterra, em missão militar na Espanha, e de sua substituição pelo Duque de Gloucester. O Duque, por não ser patrono de Chaucer, decide colocar seus próprios partidários nos postos em que o poeta trabalhava. Esta situação o compromete materialmente. É neste período de afastamento da vida administrativa que Chaucer começa a redigir *Os Contos da Cantuária*.

Em 1389, John de Gaunt retorna da da Península Ibérica, local onde hoje é a Espanha e com isso Chaucer tem de volta seus favores e o seu ofício dentro da corte. Esses cargos são uma forma de manter o salário do poeta e, assim, mostrar reconhecimento e agradecimento por sua honrosa vida de serviços prestados à Coroa. Porém, o valor de vinte libras anuais que recebia desde o reinado de Ricardo II, é dobrado em 1399, pelo recém-coroadado Henrique IV, após o apelo lançado pelo poeta, dentro da obra *Complaint to his Empty Purse* (Reclamação à sua bolsa vazia), tendo em vista que “a evidência dos registros sugere que Chaucer estava sendo muito cuidadoso em relação ao seu dinheiro” (Gardner, 1997: 5). Esta foi a última das gratificações com as quais havia sido agraciado em vida. Chaucer morre em 25 de outubro de 1400, sendo enterrado na Abadia de Westminster.

6. O lugar de Chaucer na poesia medieval inglesa e os Contos da Cantuária

Consideramos essencial o estudo da literatura medieval para conhecer um pouco mais sobre esta época. Johan Huizinga afirma que a análise histórica deveria ir além dos documentos oficiais, aqueles considerados tradicionais, e abranger também as expressões culturais, especialmente os testemunhos figurativos (Huizinga, 2010: 20). Entendemos que Geoffrey Chaucer conseguiu com sua literatura dar sentido e forma aos homens medievais.

As obras de Geoffrey Chaucer e, especialmente *Os Contos da Cantuária*, deram ao poeta o posto de pai da literatura inglesa, uma vez que o conteúdo e o aspecto formal de suas obras são considerados um marco na história da língua inglesa: “foi um dos primeiros escritores a conferir um cunho literário ao dialeto de Londres” (D’onofrio, 1990: 155).

Por volta do século XIII, quando o Middle English já era utilizado na Inglaterra, havia ainda muita diferença entre o idioma falado entre a sociedade. Enquanto “a maior parte da população falava um inglês parecido com o que conhecemos hoje, a aristocracia e o clero preferiam um dialeto francês e o latim” (Cevasco e Siqueira, 1985: 5). O francês falado nas ilhas britânicas provém do período da invasão normanda, em 1066. Desde o século XI, este dialeto é utilizado pela elite normanda que tomou o poder e se estabeleceu na Inglaterra. Já a literatura em língua latina se mantém restrita à Igreja, nas obras que visam à instrução sobre a vida e moral cristãs e a Bíblia.

Todavia, em 1244, os reis inglês e francês decretaram a proibição da posse de terras, por uma só pessoa, nos dois reinos (Gardner, 1997: 8). Isso culminou com o processo de nobres franceses permanecerem em solo inglês. Assim, em meados de século XIV, o Middle English já era falado pela maioria do reino. Em 1362, há uma decisão do Parlamento inglês de que todas as decisões judiciais sejam feitas em língua inglesa (Gardner, 1997: 9). Chaucer, ao escrever seus textos em inglês, além de ilustrar essa realidade, inova e acaba dando à sua língua a posição de um idioma literário.

A poesia narrativa de Chaucer é categorizada sob o nome de *dream vision* e, mais especificamente para sua obra, é chamada de *dream debat* (Russel, 1988: 5-8), que é uma conversa menos formal entre os personagens, que podem ser reais ou alegóricos. Normalmente há vários interlocutores e vários tópicos de conversa.

As *dream visions* de Chaucer podem ter diversos tipos de configurações, que são utilizadas em suas obras, porém a única constante é a figura central do narrador-personagem. Um autor de *dream vision* é sempre um personagem na sua narrativa (Russel, 1988: 5). No caso dos Contos, o autor é efetivamente ele mesmo na narrativa. No período medieval, este tipo de literatura era usado para a alegoria, uma forma de metáfora na qual os personagens, objetos e ações dentro da narrativa personificam ou representam, na maioria das vezes, qualidades abstratas e as relações entre essas abstrações (Selvatici, 2008: 184).

Neste sentido, *The Canterbury Tales* constitui uma pintura da sociedade da época e, pela variedade dos gêneros em que se enquadram os diferentes contos, apresenta um panorama da literatura medieval. Os *Contos* estão precedidos por um Prólogo onde são apresentados todos os 21 narradores, que contemplam membros das três ordens que são agrupadas à maneira inglesa³. Da 1ª ordem, os membros da nobreza como o Cavaleiro e o Escudeiro; pela 2ª ordem, os membros do clero como a Priora, o Monge, o Frade, a Freira e seu Secretário, o oficial de Justiça Eclesiástica, o Pároco, o Vendedor de Indulgências e o Estudante de Oxford; e os da 3ª ordem, os trabalhadores, divididos entre os membros da burguesia como o Mercador, o Médico, o Advogado, a Mulher de Bath (fabricante de tecidos) e o proprietário de terras alodiais; e os dos setores populares como o Feitor, o Moleiro, o Carpinteiro e o Camponês.

O prólogo funciona como um guia para os contos, já que explica a motivação por trás de cada narrador. Verificamos alguns Contos possuem um prólogo que contém um diálogo entre o narrador e o albergueiro como *O Conto do Moleiro*, *O Conto do Cozinheiro*, *O Conto do Magistrado*, *O Conto do Homem do Mar*, *O Conto da Priora*, *O Conto de Chaucer*, *O Conto do Monge*, *O Conto do Padre da Freira*, *O Conto do Frade*, *O Conto do Mercador*, *O Conto do Criado do Cônego* e *O Conto do Provedor*; outros são uma resposta a um conto anterior como no *Conto do Feitor* e no *Conto do Beleguim*; outros possuem um aprofundamento da personalidade do narrador como *O Conto da Mulher de Bath* e no *Conto do Estudante*; alguns são um apanhado inicial da ideia do conto principal como no *Conto do Proprietário de Terras*, no *Conto do Vendedor de Indulgências* e no *Conto da Outra Freira*; e outros que não tem nenhum prólogo, como *O Conto do Cavaleiro* e no *Conto do Médico*.

³ Duby diferencia o caso Inglês na construção social referente ao imaginário das três ordens após o século XII. O autor salienta que na Inglaterra, a ordem que passou a receber maior destaque era a nobreza, devido à cavalaria, ocupando esta o primeiro lugar. (Duby, 1982: 313-314)

Chaucer, em suas descrições, demarca as qualidades de cada um dos peregrinos, especialmente no que diz respeito aos ofícios deles, colocando no meio dessas descrições um leve tom de crítica. As caracterizações do autor no prólogo fazem o leitor ter uma ideia inicial de como os personagens são apresentados e, sobretudo como o autor vê cada um desses indivíduos, de acordo com suas características pessoais e seus estamentos.

Por exemplo, a crítica mais profunda à nobreza está no *Conto de Chaucer sobre Sir Topázio*, onde o narrador aponta a decadência dos ideais cavaleirescos, e discute a ideia do aumento da burguesia mercantil em detrimento da nobreza. Porém os outros estamentos também são criticados. A descrição dos membros do clero deve-se muito mais à posição anticlerical do autor e ao clima de descontentamentos de sua época. O Frade é retratado com moral duvidosa, chegando a enumerar os diversos pecados dele (vender perdão, seduzir mulheres e preferir bebidas ao trabalho clerical). Chaucer caracteriza, inclusive, mais o Frade como uma pessoa que busca lucro a todo custo do que o próprio Mercador que, para o autor, é uma pessoa que conduzia seus negócios com respeito. Os membros da burguesia também não são poupados; ele caracteriza como inescrupuloso o Feitor que roubava secretamente de seu patrão, o Provedor de uma escola de direito de Londres, que conseguia ludibriar e levar vantagem sobre vários homens instruídos e o Moleiro que roubava para si três vezes mais farinha de seus clientes do que deveria.

Quanto à estrutura narrativa, os *Contos* têm como ponto de partida uma peregrinação composta por vinte e nove peregrinos, que incluem o próprio Chaucer entre eles. Os peregrinos rumam à cidade da Cantuária, para visitar o túmulo de São Thomas Beckett.⁴ A peregrinação, um evento religioso e social, abre a possibilidade de interações de indivíduos que agirão de acordo com suas perspectivas sociais expressadas pela sua vocação e classe social (Boitan e Mann, 1986: 104).

Quando pensamos as peregrinações (Sot, 2002: 353), é possível identificar características principais: a viagem física, o objetivo do contato com o sagrado ao fim da caminhada, a conquista das provações do caminho percorrido e a recompensa pelo esforço na forma de dádivas que poderiam ser espirituais ou físicas. Os motivos para as peregrinações também poderiam ser vários como a penitência, imposta até mesmo pelo confessor, a busca de uma

⁴ Arcebispo da Cantuária, assassinado durante o reinado de Henrique II, em 1170, por ter jurado fidelidade ao Papa quando dos conflitos entre o poder da Coroa e o do Papado (Maurois, 1975: 82-87).

graça ou cura e a procura de relíquias, que também teria colocado reis e nobres a caminho dos lugares santos.

Não há em *The Canterbury Tales* a motivação da peregrinação de cada uma dessas pessoas, mas podemos apontar alguns traços que distinguem tal comitiva daquelas que normalmente realizavam peregrinações. O primeiro deles deve-se à própria proposta de percurso da viagem, pois não passam seu tempo através de orações piedosas e participação nos ritos religiosos.

Esses peregrinos param em Southwark e reúnem-se na Taberna do Tabardo, onde o Albergueiro os sugere que cada um conte uma história, o melhor narrador ganharia um jantar como prêmio. Os peregrinos enfrentam o longo caminho com contos dos mais diversos estilos.

Jacques Le Goff afirma que a taberna também funcionava como um grande centro social, seja em áreas urbanas ou rurais; essas tabernas, como no caso dos *Contos da Cantuária*, também serviam de albergue para visitantes estrangeiros. “Ali se propagavam as notícias, portadoras de realidades longínquas, de lendas e de mitos. Ali se formavam, na conversa, as mentalidades” (Le Goff, 1984: 74). E é exatamente isso que é entendido nos *Contos*: na taberna, os personagens estarão juntos reunindo diferentes estamentos sociais para uma troca de suas realidades.

Para chegar ao local onde se encontra o túmulo de Thomas Becket, passam pela principal estrada que ligava Londres a Canterbury, cujos pontos são mencionados poucas vezes ao longo da obra. Após partirem de Southwark, em Londres, a primeira referência encontrada é a de Deptford: “*Olbe ali a cidade de Deptford! E já é quase hora prima. Olbe ali Greenwich, aquela terra de velhacos!*” (Chaucer, 1988: 61)⁵. Alguns contos depois, é possível localizá-los em Boughton-under-Blean: “*Sabem vocês onde fica a cidadezinha de Bob-up-and-down, junto à floresta de Blean, na estrada de Cantuária? Pois foi lá que o nosso Albergueiro deu de rir e brincar*” (Chaucer, 1988: 278)⁶. Essas são as cidades nas quais os peregrinos passam até chegar a aldeia da última história a ser narrada, no Prólogo ao Conto do Pároco.

Os Contos normalmente têm um final que evoca significados morais. E como este período na Idade Medieval é coberto de histórias com um fundo didático, *Os Contos da Cantuária* de Chaucer é considerada a obra que melhor

⁵ “*Why, look! Here’s Deptford and it’s nine o’clock! And Greenwich too, with many a black guard in it.*” (Chaucer, 1975: 124)

⁶ “*Don’t you all know where stands a little town, /The one that people call Bob-up-and-down, /Near Blean Woods on the way to Canterbury? /Well, it was thereabouts our host turned merry*” (Chaucer, 1975: 493).

representa esta passagem de uma nova forma de se conceber a literatura. Nela, as personagens do poeta são personagens possíveis, uma vez que são inspiradas no quadro social da Inglaterra da segunda metade do século XIV.

Referências

Fontes

Chaucer, G. (1988). *Os Contos da Cantuária*. Tradução de Paulo Vizioli. São Paulo: T.A. Queiroz.

Chaucer, G. (1975). *The Canterbury Tales*. Tradução de Nevill Coghill. Londres: Penguin Books.

Bibliografia

Boitan, P.; Mann, J. (1986). *The Cambridge Chaucer Companion*. Londres: Cambridge University Press.

Balard, M. (1996). *Idade Média Ocidental: dos Bárbaros ao Renascimento*. Lisboa: Dom Quixote.

Berlioz, J. (1994). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar.

Contamine, P. (1990) *L'Église dans les îles Britanniques*. In Mayeur, J. M., Pietri, C., Vauchez, A ; Venard, M. (dir.). *Histoire du Christianisme*, 6: Un temps d'épreuves (1274-1449). Paris: Desclée/Fayard.

Coulton, G. G. (1946). *Medieval Panorama*. The English Scene from Conquest to Reformation. New York: The MacMillan Company.

Cevasco, M. E.; Siqueira, V. L. (1985). *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática.

Delumeau, J. (1994). *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa.

D'onofrio, S. (1990). *Literatura Ocidental: Autores e Obras Fundamentais*. São Paulo: Ática.

Duby, G. (1982). *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa.

- Franco Jr., H. (1995). *Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense.
- Fryde, N. (1997). *La crisis de La baja edad media en Inglaterra según la investigación anglosajona de los últimos veinte años*. Barcelona: Crítica.
- Gardner, J. C. (1977). *The life and times of Chaucer*. Nova York: Alfred A. Knopf.
- Guenée, B. (1981). *O Ocidente nos séculos XIV e XV. Os Estados*. São Paulo: Pioneira/EDUSP.
- Huizinga, J. (2010). *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify.
- Jesuz, V. A. (2011). Viagens de Peregrinação: devoção, salvação e outras possibilidades. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho.
- Kershaw, I. (1973). The Great Famine and Agrarian Crisis in England 1315-1322. *Past & Present*. Nº 59. Oxford University Press.
- Le Goff, J. (1984). *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa.
- Le Goff, J. (2008). *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lucas, H. S. (1930). The Great European Famine of 1315, 1316, and 1317. *Speculum*, Vol. 5, No. 4.
- Maurois, A. (1975). *A História da Inglaterra*. Rio de Janeiro: Pongetti.
- Miller, R.P. (1997). *Chaucer, Geoffrey*. In: Grolier Multimedia Encyclopedia. Danbury, Grolier Interactive.
- Miskimin, H. (1998). *A Economia do Renascimento Europeu (1300-1600)*. Lisboa: Estampa.
- Palais, H. (1959). England's First Attempt to Break the Commercial Monopoly of the Hanseatic League, 1377-1380. *The American Historical Review*, Vol. 64, No. 4.
- Simoni, K. (2007). De peste e literatura: imagens do Decameron de Giovanni Boccaccio. *Anuário de Literatura*. Rio Grande do Sul: Florianópolis.

Russel, J. S. (1988). *The English dream vision: anatomy of a form*. Ohio: Ohio State University Press.

Smith, J. R. (2010). *Hanseatic vogs and Baltic trade: interrelations between trade technology and ecology*. Nebraska: University of Nebraska.

Selvatici, M. (2000). Igreja Católica e sentimento religioso na Inglaterra do século XIV. *Revista Aulas*. Campinas. N.4 – abril /julho.

Selvatici, M. (2008). O poeta Geoffrey Chaucer e a “fundação” da literatura inglesa no Baixo Medievo. *Revista História*. Unisinos. Maio/Agosto.

Sot, M. (2002). Peregrinação. In Le Goff, J.; Schmitt, J-C. (orgs.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial SP, Vol. 2.

Vauchez, A. (1995). *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Wolff, P. (1988). *Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?* São Paulo: Martins Fontes.

Recebido: 28 de maio de 2013

Aprovado: 13 de julho de 2013